

Turismo Rural e suas Conseqüências no Espaço Rural do Brasil*

*Paulo Roberto Monsores da Motta Júnior***

RESUMO

Objetiva-se, aqui, a princípio, compreender a prática e a difusão do turismo. A partir disto, apresenta-se um histórico do turismo rural, no qual colocam-se diferenças entre agroturismo e o chamado turismo ecológico. Feitas estas considerações, busca-se

mostrar a prática do turismo rural no Brasil, suas particularidades e as transformações geradas por esta no espaço rural brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo rural; forma; função; tempo livre.

INTRODUÇÃO

O turismo, apesar de ser uma prática relativamente antiga, surge hoje como um tema de grande interesse. Este tema está sendo integrado, na atualidade, por algumas ciências. Entre elas a geografia, que tem procurado analisar como este evento pode alterar o espaço.

A prática do turismo pode modificar a localidade na qual ocorre o fluxo turístico, seja alterando a paisagem, a forma¹, ou até mesmo a função dessas áreas, onde se insere a ciência geográfica, sendo importante para a compreensão destes eventos.

Este artigo trata da prática de turismo no espaço rural e da busca para se concretizar esta prática no Brasil. Buscar-se-á compreender a realidade brasileira, fazendo algumas reflexões sobre o que é turismo rural. Enxergando esta prática, o turismo, como a venda de um produto, levantar-se-ão também alguns questionamentos.

TURISMO

Para compreender o turismo rural, é preciso, primeiramente, entender o que é turismo. Para

a Organização Mundial do Turismo (OMT), o turismo está relacionado ao pernoite, isto é, a partir do momento que algum indivíduo sai de sua cidade para outra, aloja-se em algum hotel e dorme nesta localidade é considerado turista. Para Calvente (2000, p. 25), o turismo:

É uma prática social e uma atividade econômica de importância crescente, com reflexos marcantes nas mais diversas escalas, de internacional a local: provoca estagnação, deteriorização e transformação, produção e reprodução de novos espaços.

Essa prática tem crescido por ter se popularizado e pelo aumento do tempo livre durante o século passado, devido aos fenômenos da urbanização e metropolização. Com o aumento desse tempo livre e, conseqüentemente, do turismo, surgem novos fluxos, novas interações espaciais, novas relações espaço-tempo, que, por sua vez, vão produzir e reproduzir novos espaços. Segundo Corrêa (1997, p. 295):

As interações espaciais contextualizadas e tornadas inteligíveis na sociedade capi-

talista a partir do desvendamento da dimensão espacial do ciclo de reprodução do capital apresentou padrões distintos no espaço e no tempo.

Para melhor compreensão do turismo, pode-se complementar com a definição feita por Elias (apud Calvente, 2000, p. 26): “São consideradas como turismo as atividades realizadas no tempo livre, desenvolvidas fora do domicílio habitual e que reproduzem trocas monetárias”.

Durante séculos na Europa, as migrações de férias da nobreza fundiária e da crescente burguesia urbana para o espaço rural mostram que turismo rural não é novidade.

O público interessado neste tipo de turismo vem mudando ao longo dos anos. A nova clientela não tem raízes rurais fortes e é proveniente de classes médias e altas.

Segundo Cavaco (1996), já existe uma tradição de turismo rural, com aluguel de quartos na Suíça e na Áustria, fato este ressaltado por Portuguez (1999), que diz que esta prática era e é ainda muito comum na Europa. Este tipo de hospedagem em propriedades rurais, segundo a Embratur, teve origem nos Estados Unidos como forma de abrigar viajantes.

O turismo rural, a partir da década de 1960, começa ganhar força no cenário mundial, pois parte das classes mais beneficiadas procura um turismo alternativo, para fugir da popularização turística das áreas balneárias.

É em Lages (SC) onde o turismo rural brasileiro surge, ou pelo menos primeiro aparece com essa denominação, significou a alternativa para criadores de gado, com terras de pouca fertilidade, quando a atividade econômica predominante ficou pouco atrativa economicamente. (Calvente, 2000, p. 31)

Esta atividade se expandiu por todo o território nacional. “Atualmente, podemos dizer que

em todo o Brasil existem experiências de turismo rural” (Rodrigues, 1998, p. 101).

Ao falarmos de um turismo rural e turismo em espaço rural é necessário cautela. Para Calvente (2000, p. 27) a utilização do termo turismo em espaço rural deve:

referir-se aos movimentos turísticos que se desenvolvem neste, e reservar a expressão turismo rural para atividades do meio rural (principalmente o agroturismo, que se desenvolve no interior da propriedade rural, ligado ao seu cotidiano).

Outra proposta interessante citada no artigo de Calvente (2000) é a de adotar a denominação de turismo rural apenas quando os rendimentos são recebidos pelos agricultores ou pela comunidade rural.

Estas propostas são interessantes, pois certas atividades feitas no espaço rural podem ser realizadas em qualquer outro espaço. É isto que difere turismo em espaço rural de turismo rural, uma vez que, para o turismo rural, fazem-se necessários a paisagem, a forma, os bens e serviços de um ambiente rural. Isto fica claro quando Garcia (1995), apud Calvente (2000, p. 27), define o turismo rural como:

atividade turística realizada em espaço rural, composta por uma oferta integrada para o tempo livre, dirigida a uma demanda cuja motivação é o contato com o ambiente autóctone e que tenha uma inter-relação com a sociedade local.

A partir disso, surgem alguns debates. Certos autores discutem a autenticidade do agroturismo e afirmam que o ecoturismo não é uma modalidade de turismo rural. Mesmo este, às vezes, gerando renda para algumas propriedades rurais.

Dentro do turismo em espaço rural aparecem atividades que ocorrem no espaço

rural, mas que poderiam ocorrer em qualquer outro lugar: competições, práticas esportivas, festas, turismo de negócios, turismo de saúde etc. (Calvente, 2000, p. 27)

Neste caso, podemos citar Graziano da Silva, Vilarinho & Darle (1998), apud Calvente (2000, p. 27):

o ecoturismo não é uma modalidade de turismo rural, pois em geral não tem relação com a dinâmica agropecuária da região, mesmo gerando renda para algumas propriedades rurais. Colocam que poucas propriedades rurais brasileiras possuem paisagens naturais singulares que sirvam como atração principal e que a renda gerada pelo ecoturismo pouco beneficia a população local, ficando concentrada nas mãos dos agentes intermediários dos centros urbanos.

Por ser um tema novo, essas novas teorias ainda são duvidosas e não estão bem claras, como é o caso da diferenciação entre ecoturismo e turismo rural. Por este motivo, “torna-se bastante difícil distinguir o turismo rural do ecoturismo. Quando o hibridismo é muito acentuado, já propusemos a denominação de turismo ecorrural” (Rodrigues, 1998, p. 104).

Apesar de todo este debate, o que se pode perceber é que o turismo rural surge como um produto diversificado e alternativo, especialmente para quem quer fugir da massificação das grandes redes turísticas.

Este tipo de público, geralmente, procura um produto que os tire da rotina das cidades, do urbano. Eles procuram algo bucólico, onde possam participar de outras atividades, como atividades agropecuárias. Para atender a esta demanda, muitas fazendas se tornaram fazendas-hotel. Segundo Calvente (2000, p. 28), “na fazenda-hotel, a propriedade agropecuária continua com suas atividades produtivas e os hóspedes podem assistir ou participar deste cotidiano”.

Devido a isso, uma das práticas mais comuns do turismo rural é o agroturismo, que, por definição, é:

um subproduto direto da agricultura, que atrai pela paisagem, em ligação com os sistemas tradicionais, pela vida animal (pecuária), pelas condições de vida e trabalho; ou noutros termos, uma atividade complementar e conexa da agricultura. (Cavaco, 1996, p. 119)

Quando falamos destas práticas e destas localidades, devemos ressaltar que o turista rural espera encontrar o que é oferecido. O turista espera encontrar um ambiente o mais natural possível, porém sem abrir mão de certas comodidades. Para atender a esta demanda, as fazendas mudam, em parte, suas estruturas, criando lugares para estacionamento, lojas, sanitários, colocando telefones; gerando, assim, novas funções para si, sem deixar o lado rural.

Esses locais e fazendas utilizam-se de uma estratégia para a venda de seus produtos. Produtos estes que

são oferecidos a preços bem mais acessíveis do que os de mercado, pelo fato de serem adquiridos diretamente do produtor, que no caso dessa comercialização não tem gastos com transporte, estoque e taxas de venda. (Portuguez, 1999, p. 95)

Nas estratégias utilizadas para a venda, as fazendas colocam os locais de atividade e algumas comodidades próximas aos locais de venda dos produtos.

Por todos esses fatores, apesar de alguns problemas, esta atividade torna-se mais promissora. Já que “o turismo é uma atividade econômica que traz conseqüências positivas e negativas, entre elas a busca de lucro em curto prazo” (Zimmerman apud Calvente, 2000, p.28). Com relação a isso, podemos perceber que muitos pro-

dutores deixam de lado as atividades primárias, agrícolas, visando ser uma espécie de “empresários” do turismo.

Muitas outras mudanças vistas anteriormente acabam por descaracterizar as propriedades. As mudanças de costume e algumas atividades novas, que são agrícolas, são causadas e exigidas pelo turista. Estes tipos de costumes e atividades alteram os horários do produtor e também podem modificar a forma rupestre da propriedade. Segundo Portuguese (1999, p. 96), “o que indica um claro exemplo de refuncionalização, em vez de multifuncionalização da propriedade”. De acordo com Calvente (2000, p. 28): “para Rodrigues (1998), o objetivo da atividade é o entretenimento, e como qualquer outra atividade econômica causa impactos sociais e ambientais”.

Existem, também, como já citado, os impactos ambientais, que são causados devido aos usos e abusos destes espaços. Os turistas, muitas vezes, acabam jogando lixo nos rios e nas matas. Os próprios donos de propriedades terminam desmatando e criando lagos artificiais com intenção de ampliar seus espaços de atividades de entretenimento. Isto, por sua vez, prejudica o ecossistema local.

É importante que se mostre essas conseqüências negativas, mas também há o lado bom do turismo rural. Como o fato “de permitir um acréscimo de rendimento as populações rurais e outro de levar o turismo a áreas sem outras potencialidades de desenvolvimento econômico” (Calvente, 2000, p. 31). O autor também destaca:

A importância dos efeitos indiretos do turismo rural: melhoria da infra-estrutura e das comunicações, desenvolvimento da pequena produção e surgimento de atividades de lazer também para a população local.

Existe uma outra conseqüência importante a ser discutida: a concentração de terras, que se

agrava com a construção de parques temáticos, uma vez que estes ocupam grandes áreas. Porém, se as atividades destes parques não forem consideradas turismo rural, a concentração de terras torna-se irrelevante, já que:

A venda de sítios ou chácaras para o lazer é uma variável que pode diminuir a quantidade de terras disponíveis para a produção agrícola, não significando a concentração de terras nos dados estatísticos e sim o contrário, quando analisados. (Calvente, 2000, p. 35)

Se estas chácaras de recreio e condomínios rurais tiverem atividades agrícolas, empregarem a população local e derem oportunidade ao pequeno produtor, vão gerar bons resultados. Caso isto não ocorra, não adiantaria desconcentrar, sendo estas terras improdutivas e o pequeno produtor sem ter onde produzir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo rural é uma prática que vem crescendo bastante, sendo, portanto, importante compreendê-lo. Assim como qualquer outro tipo de turismo, se não se tomar o devido cuidado, o turismo rural poderá se destruir, através da degradação da paisagem, do ecossistema e das atividades rurais. Sem isso, não há turismo rural. Neste contexto é que se faz importante o geógrafo, para que haja uma compreensão e para reduzir os impactos de uma mudança no espaço rural. Esse espaço tem como principal característica as atividades agrícolas, que jamais devem ser colocadas em segundo plano.

NOTAS

- * Este artigo é fruto de uma breve pesquisa para avaliação da disciplina Geografia Agrária do Brasil, não tendo a profundidade que requer o tema. Encaminhado para publicação em fevereiro de 2002.

** Graduando do 5º período de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e bolsista do grupo PET/Geo UERJ. E-mail: jkcmotta@ig.com.br

¹ Ver Santos, 1997. Com base neste autor, entende-se forma como o aspecto visível do espaço, sendo que a forma pode continuar a mesma e a função transformar-se com o tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVENTE, Maria del Carmem. Turismo rural e modernização – sua forma e função. *Geografia*, Londrina, v. 9, n. 1, p. 23-39. jan. 2000.

CAVACO, Carminda. Turismo rural e desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). *Turismo e Geografia*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 94-121.

CORRÊA, Roberto Lobato. Interações Espaciais. In: CASTRO, I. E de; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Explorações Geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 367p. p. 279-318.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. *Agroturismo e Desenvolvimento Regional*. São Paulo: Hucitec, 1999. 127 p.

RODRIGUES, Adir Balastreri. Turismo rural no Brasil – ensaio de uma tipologia. In: *Turismo Rural*. São Paulo: Contexto, 1998. p. 101-115.

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1997. 88p.

ABSTRACT

This essay, at first, aims at understanding the diffusion and practice of tourism. From this, a historical research about Countryside Tourism, in which differences between agroturism and what is called ecological tourism is portrayed. Thus,

from these considerations, it is intended to show the usage of Countryside tourism in Brazil, its particulars and the transformations generated by this usage in Brazil Rural Area.

KEYWORDS

Countryside tourism; shape; function; free time.

